



**ENAN  
PUR** 2023  
Belém 22 a 26 de maio



## **Centralidade da Periferia e urbanização no Terceiro Mundo no pensamento político de Milton Santos (1964-1977)**

**Maurício Costa de Carvalho**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

### **Sessão Temática 06 - Cidade, história e identidade cultural**

---

**Resumo:** Este trabalho é parte de uma investigação do conceito de centralidade da periferia como contribuição fundamental do pensamento político do geógrafo e intelectual negro brasileiro Milton Santos. Temos como objetivos projetados: 1) mapear elementos de gênese, continuidades e discontinuidades deste conceito no pensamento político do autor em sua produção sobre urbanização no Terceiro Mundo entre 1964 e 1977, seu período de exílio; 2) compreender como, a partir deste conceito, pode-se interpretar o Brasil dentro da abordagem do autor sobre o processo de globalização. Partimos das seguintes hipóteses: a) a ideia de centralidade da periferia expressa o núcleo central da abordagem do autor sobre a globalização; b) os estudos de Milton Santos sobre urbanização do Terceiro Mundo realizados no exílio são alicerces fundamentais da ideia de centralidade da periferia; c) A teoria sobre a globalização de Milton Santos continha também uma interpretação original sobre o Brasil, construída a partir da centralidade da periferia. Parte fundamental deste nosso trabalho será mapear os principais interlocutores do autor nos apoiando em sua ampla produção e em uma rica e diversa gama de comentadores, bem como na análise documental de arquivos do fundo Milton Santos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

*Palavras-chave:* Milton Santos, Urbanismo, Pensamento brasileiro, Periferia, Globalização

### **Centrality of the Periphery and Urbanization in the Third World in Milton Santos's Political Thought (1964-1977)**

---

**Abstract:** This work is part of an investigation of the concept of centrality of the periphery as a fundamental contribution of the political thought of the Brazilian black geographer and intellectual Milton Santos. We have as projected objectives: 1) to map elements of genesis, continuities and discontinuities of this concept in the political thought of the author in his production on urbanization in the Third World between 1964 and 1977, his period of exile; 2) understand how, based on this concept, Brazil can be interpreted within the author's approach to the globalization process. We start from the following hypotheses: a) the idea of centrality of the periphery expresses the central core of the author's approach to globalization; b) Milton Santos' studies on Third World urbanization carried out in exile are fundamental foundations of the idea of centrality of the periphery; c) Milton Santos' theory of globalization also contained an original interpretation of Brazil, built on the centrality of the periphery. A fundamental part of our work will be to map the author's main interlocutors as well as in the documentary analysis of archives from the Milton Santos Collection of the Institute of Brazilian Studies at the University of São Paulo.

*Keywords:* Milton Santos, Urbanism, Brazilian Thought, Periphery, Globalization

### **Centralidad de la periferia y urbanización en el Tercer Mundo en el pensamiento político de Milton Santos (1964-1977)**

---

**Resumen.** Este trabajo es parte de una investigación del concepto de centralidad de la periferia como aporte fundamental del pensamiento político del geógrafo e intelectual negro brasileño Milton Santos. Tenemos como objetivos proyectados: 1) mapear elementos de génesis, continuidades y discontinuidades de este concepto en el pensamiento político del autor en su producción sobre la urbanización en el Tercer Mundo entre 1964 y 1977, su

período de exílio; 2) comprender cómo, a partir de este concepto, Brasil puede ser interpretado dentro del enfoque del autor sobre el proceso de globalización. Partimos de las siguientes hipótesis: a) la idea de centralidad de la periferia expresa el núcleo central del enfoque del autor sobre la globalización; b) los estudios de Milton Santos sobre la urbanización del Tercer Mundo realizados en el exilio son fundamentos de la idea de centralidad de la periferia; c) La teoría de la globalización de Milton Santos también contenía una interpretación original de Brasil, construida sobre la centralidad de la periferia. Parte fundamental de nuestro trabajo será mapear los principales interlocutores del autor así como en el análisis documental de archivos de la Colección Milton Santos del Instituto de Estudios Brasileños en la Universidad de São Paulo.

Palabras clave: Milton Santos, Urbanismo, Pensamiento brasileño, Periferia, Globalización

## 1. Introdução

Este trabalho é parte de uma investigação sobre o pensamento político do geógrafo brasileiro Milton Santos, falecido em 2001, tomando como fio condutor a ideia de *centralidade da periferia* como sua contribuição distintiva para o pensamento político brasileiro.

Nascido em 1926, em Brotas de Macaúbas, interior da Bahia, Milton Almeida dos Santos foi um destacado intelectual negro cujo legado é composto por uma vasta obra acadêmica que abrange 40 livros, cerca de 380 artigos em periódicos científicos, artigos e trabalhos de editoria jornalística, entrevistas, prefácios, apresentações, entre outras publicações reunidas recentemente em um arquivo com mais de 75 mil itens em fase ainda inicial de catalogação no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) <sup>1</sup>. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Santos foi, ainda, professor do ensino básico, correspondente e editor do jornal *A Tarde*, de Salvador, onde publicou mais de uma centena de artigos. Também contribuiu como articulista e colunista para outros veículos da grande imprensa como *Folha de S. Paulo* e *Correio Brasiliense*. Ocupou cargos públicos e administrativos de grande relevância. Foi diretor da Imprensa Oficial da Bahia (1959-1961), Chefe da Casa Civil da Presidência da República no Estado da Bahia (1961), Presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (1962-1964), membro da Comissão Especial eleita pela Assembleia Constituinte do Estado da Bahia, encarregada de redigir um anteprojeto de Constituição Estadual (1989). Como professor e pesquisador, lecionou em universidades da França, dos Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia, além de brasileiras. Nestes países também exerceu outras atividades políticas e acadêmicas, tendo sido, entre elas, Consultor das Nações Unidas, OIT, OEA e UNESCO e dos governos da Argélia e Guiné-Bissau. Milton Santos teve papel destacado na história do pensamento brasileiro, promovendo um intenso diálogo entre seu campo disciplinar, a Geografia, outras ciências sociais e também com a Física e a Filosofia, discutindo e incorporando elementos das principais correntes intelectuais do século XX. As ideias políticas presentes em sua geografia - marcada pelos seus estudos da urbanização, do subdesenvolvimento, da globalização e do território brasileiro - ainda são um campo amplo a ser explorado pelas pesquisas universitárias.

Ainda que estudos abordando as periferias tenham sido constantes ao longo desta trajetória - especialmente aqueles dedicados à urbanização no Terceiro Mundo - o conceito de *centralidade da periferia* aparece apenas no livro de Santos *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000), sendo um tópico fundamental de seu último capítulo, denominado *Transição em marcha*. Esta parte do escrito funciona como uma espécie de conclusão, onde os temas apresentados abordam, segundo o autor, "manifestações pouco estudadas do *país de baixo*, desde a cultura até a política, raciocínio que se aplica também à própria periferia do sistema capitalista mundial, cuja centralidade apresentamos como um *novo fator dinâmico da história*" (p. 15)<sup>2</sup>. *Por uma outra globalização* foi publicado pela primeira vez em 2000, próximo ao final da vida do autor. Por suas características distintas<sup>3</sup> do conjunto da obra de Santos, especialmente no que se refere à linguagem, pode ser entendido como uma espécie de testamento político ou a consolidação do que o próprio geógrafo considera, em entrevista

concedida no ano de lançamento daquela publicação, uma *ruptura* que já estava em curso em sua trajetória. Refletindo sobre seu profícuo e profundo percurso acadêmico, Santos chegaria à conclusão de que a atividade acadêmica deveria ser "o introito indispensável à produção do discurso político", tendo que se tornar "algo que se refira à realidade, mas que também possa ser trabalhada por outros, contribuir para a elaboração de um discurso político" (SANTOS et al., 2001, p. 111).

Juntos, *Por uma outra globalização* e o livro *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI* (2001) - onde, em parceria com Maria Laura Silveira, Milton Santos buscava traduzir suas elaborações em uma interpretação geográfica do Brasil periférico da globalização - representam os esforços do autor para construir sínteses de um longo percurso de sua obra cuja indissociabilidade entre a ação política e o conteúdo de sua produção acadêmica nos parece evidente, ainda que ele próprio note que nem sempre a mobilização de sua elaboração acadêmica no sentido da intervenção política tenha tido a intensidade da fase final de sua produção (Cf. SANTOS, et. al., 2001, p. 111-116). De todo modo, especialmente a partir de seu exílio em 1964, sua produção acadêmica dialoga intensamente com os debates políticos das décadas de 1960 e 1970, sobretudo a respeito do subdesenvolvimento. Investigando a urbanização nos países de Terceiro Mundo, põs em relevo a necessidade de se pensar as relações de dependência e marginalidade por meio da geografia e do espaço e, a partir dessa chave, construiu sua posição no pensamento político brasileiro. Partimos da hipótese de que a ideia de *centralidade da periferia*, apresentada apenas em 2001, expressa o núcleo central de sua abordagem sobre a globalização tendo como alicerce justamente a defesa desta posição que se construiu como alternativa às teorias da dependência e do subdesenvolvimento que tinham grande destaque no pensamento crítico da época. Assim, abordando também a problemática da dependência e do subdesenvolvimento, nosso objetivo é investigar a contribuição do Milton Santos para o pensamento político brasileiro mapeando seus interlocutores desde o exílio até o regresso ao Brasil explorando em particular a ideia de *centralidade da periferia* como contribuição para se pensar a urbanização, a globalização e o Brasil dentro da teoria social.

Esta nossa investigação insere-se em um amplo campo de pesquisa sobre Milton Santos onde, ainda com um predomínio evidente de trabalhos no campo disciplinar da Geografia, há um debate fértil e permanente nas mais diversas áreas do conhecimento, em múltiplas nacionalidades. Isso nos permite, não obstante a intensa produção do próprio autor, nos apoiar também em uma bibliografia diversa e rica de comentadores de tal modo que esta pesquisa se justifica pelo estudo da contribuição de Milton Santos como um intérprete do pensamento político brasileiro e da globalização. Mais de duas décadas após a publicação de obras nas quais Milton Santos buscava sínteses que permitissem acionar o resultado de sua ampla trajetória acadêmica e política para reforçar a necessidade emergente de outra perspectiva para o mundo globalizado, a abordagem que busca jogar luz em como as periferias ganharam centralidade em sua proposta se justifica também por ser reveladora de um debate público fundamental e atual. Se nos parece factível que possam estar se confirmando as tendências apontadas por Milton Santos no início do século onde as décadas de urbanização concentrada, das grandes aglomerações, combinadas à emergência das técnicas de informação e das "migrações políticas ou econômicas" que, àquela época, poderiam levar a uma "verdadeira colorização do Norte, à "informalização" de parte de sua economia e de suas relações sociais e à generalização de certo esquema dual presente nos países subdesenvolvidos do Sul" (SANTOS, 2000, p. 146), pensar na centralidade da periferia como *novo fator dinâmico da história*, por outro lado, segue sendo um desafio para se afrontar no século XXI marcado pelo aprofundamento das desigualdades.

Por fim, mas não menos importante, entendemos que essa nossa pesquisa pode contribuir para os fundamentais e cada vez mais volumosos esforços de se elaborar a respeito do pensamento negro *do* e *no* Brasil, enfrentando a posição de segundo plano analítico e invisibilidade à qual frequentemente muitos intelectuais negros e, não raro, Milton Santos, têm sido relegados.

Reconstruir a memória política de um intelectual como Santos é também um gesto político e afirmação da memória da negritude, dos subalternos, e da periferia.

Nesta apresentação discutiremos os resultados parciais de nossa pesquisa até então em duas partes. Uma primeira apresentando os materiais e métodos da pesquisa, registrando os objetivos, hipóteses e periodização, apresentando os resultados iniciais e enfatizando os desafios apresentados até agora, em especial na proposta de análise documental a partir do fundo Milton Santos, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Na segunda parte discutiremos os achados da pesquisa até então em relação às hipóteses levantadas. Nessa parte abordaremos a obra de Milton Santos a partir da periodização estabelecida (1964-1977) trabalhando com dois eixos fundamentais: seus estudos sobre a urbanização no Terceiro Mundo - com destaque para a teoria dos dois circuitos da economia urbana - e sua elaboração da categoria Formação Socioespacial, decorrente das pesquisas em países periféricos.

## 2. Materiais e métodos

A presente pesquisa que está em andamento tem por objetivo geral abordar a contribuição de Milton Santos ao pensamento político brasileiro investigando o conceito de *centralidade da periferia* em sua obra. Este tema, apresentado como conceito apenas no livro *Por uma outra globalização*, publicado em 2001, ano da morte do autor, não gozou de grande difusão e apenas mais recentemente tem sido objeto de maiores discussões a partir de iniciativas de resgate do pensamento do autor<sup>4</sup> o que, por sua vez, tem sido feito prioritariamente a partir de suas contribuições disciplinares à Geografia. Como desdobramentos, também objetivamos:

- mapear os elementos de gênese do conceito de *centralidade da periferia* nos trabalhos de Milton Santos sobre urbanização no Terceiro Mundo, principalmente entre 1964 e 1977, seu período de exílio;
- compreender como, a partir da ideia de centralidade da periferia, há também uma busca de interpretação do Brasil dentro de uma abordagem original do autor sobre o processo de globalização.

A pesquisa conta com algumas *hipóteses*, construídas até aqui:

- a ideia de *centralidade da periferia* expressa o núcleo central de sua abordagem do autor sobre a globalização;
- os estudos sobre urbanização do Terceiro Mundo realizados no exílio são alicerces fundamentais da ideia de *centralidade da periferia*;
- a teoria sobre a globalização de Milton Santos contém também uma interpretação original sobre o Brasil construída a partir da *centralidade da periferia*.

### 2.1 Periodização

Como proposta inicial partimos de uma periodização da trajetória de Milton Santos que enfoca o intervalo entre 1964 e 1977, correspondendo ao período em que esteve no exílio em função do golpe cívico-militar brasileiro. Esta proposta pretende abordar o *segundo e o terceiro períodos* dentro daquela periodização que foi elaborada por Flávia Grimm (Cf. 2011a e 2011b) organizando o arquivo de documentos de Milton Santos e sistematizando o percurso epistemológico do autor. Nosso recorte incide em um momento no qual o autor - vindo de uma experiência política e acadêmica prioritariamente regional, no estado da Bahia - experimenta de ampliação de horizontes e intensa produção em diversos países, centrais e periféricos, até voltar ao Brasil, onde seu papel público como intelectual se estabelece de forma mais explícita pensando em uma intervenção política no país<sup>5</sup>.

### 2.2 Plano de trabalho, resultados iniciais e desafios da pesquisa

Como plano inicial de pesquisa, havíamos pensado em três etapas. A primeira etapa parte da identificação do corpo bibliográfico de base sobre o tema na obra de Milton Santos partindo da periodização estabelecida (1964-1977). Este mapeamento inicial está associado à organização de um inventário da produção do autor do período e, a partir da interrogação daquela literatura, discutir a viabilidade hipóteses de pesquisa, em especial a ideia de que há uma conexão original entre o conceito de centralidade da periferia e os estudos sobre a urbanização no Terceiro Mundo realizados durante o exílio. Feita a seleção, leitura e análise dos documentos publicados naquele período, a segunda etapa consiste na identificação, no fundo Milton Santos do Instituto de Estudos Brasileiros, dos documentos produzidos e utilizados pelo autor no período, sua seleção, codificação e análise. Nesta seleção, adotando a análise documental como eixo metodológico, após "etnografar os documentos" espera-se que, para além dos debates teóricos, o problema da pesquisa fique evidente inclusive na identificação de suas redes de cooperação intelectual, buscando também compreender como a dinâmica centro-periferia foi experimentada por Santos na sua relação com interlocutores. A terceira etapa compreende a volta às hipóteses, a elaboração e redação de sínteses conclusivas e a busca de inferências apoiadas na literatura sobre o tema.

Assim, como ponto de partida da nossa pesquisa construímos um inventário da produção de Milton Santos no exílio tendo já registrado, até o momento, as seguintes fontes primárias entre livros e textos publicados:

Tabela 1 - Publicações de Milton Santos de 1964 a 1977 (fonte: elaborado pelos autores)

Publicação	Ano	Tipo
A cidade nos países subdesenvolvidos, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.	1965	Livro
Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous-développés, I) Les données de base (320 p.); II) Milieux géographiques et alimentation (341 p.), Centre de Documentation Universitaire (CDU), Paris, França, 1967.	1967	Livro
Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés, 2 fasc (100 e 92 p.), Centre de Documentation Universitaire (CDU), Paris, França, 1969.	1969	Livro
Dix essais sur les villes des pays-sous-développés, Ed. Ophrys, Paris, França, 1970.	1970	Livro
Le métier du géographe en pays sous-développés, Ed. Ophrys, Paris, França, 1971.	1971	Livro
Les villes du Tiers Monde, Ed. Génin, Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, tome X, Paris, França, figs., mapas e fotos, 1971.	1971	Livro
Les villes incomplètes des pays sous-développés, 1972	1972	Texto
Geografia y economia urbanas en los países subdesarrollados, Ed. Oikos-Tau, Barcelona, Espanha, Colección Ciencias Geográficas, fig., 1973.	1973	Livro
Sous-développement et poles de croissance économique et sociale   Milton Santos, 1974	1974	Texto
Geography, Marxism and Underdevelopment, publicado em Antípode, v. 6, n. 3, p. 1-9, 1974.	1974	Texto

Underdevelopment and poverty: a geographer's view, The Latin American in Residence Lectures, University of Toronto, Canadá, 1972-1973, 1975.	1975	Livro
L'espace partagé, Editions Librairies Techniques, M. Th. Génin, Paris, França, 1975.	1975	Livro
Globalização, regionalização: a proposta do Mercosul   Mônica Arroyo e Milton Santos, 1977	1977	Texto
Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais   Milton Santos, 1977	1977	Texto
Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método   Milton Santos, 1977	1977	Texto
A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais   Milton Santos, 1977	1977	Texto

Como discutiremos mais adiante, neste mapeamento inicial já ficaram evidentes os temas fundamentais de trabalho de Santos no exílio, compreendendo fundamentalmente os estudos sobre a urbanização, o subdesenvolvimento e a busca de uma teoria geral da Geografia que desse conta dos resultados daquelas pesquisas. Contudo, merece destaque também o início das pesquisas sobre a globalização, podendo indicar que de fato o núcleo central daquele debate estava começando a germinar ainda na década de 1970. É preciso registrar também que, durante a elaboração deste inventário, surgiu a necessidade de tornar alvo de nossas investigações as colaborações frequentes (sobretudo em seu período na França) de Milton Santos à revista *Tiers Monde*, ligada ao Institut d'Étude du Développement Économique et Social (PEDROSA, 2018, p. 435) e à revista *Antipode* da qual tornou-se também um organizador a partir de seu contato com o geógrafo Richard Peet em Nova Iorque (Idem, p. 438). Tais colaborações têm fundamental importância no mapeamento da rede de cooperação acadêmica desenvolvida por Santos no período.

Na segunda etapa do trabalho, central para a nossa investigação é onde, no entanto, residem os maiores desafios da pesquisa atualmente. Há um importante trabalho de prospecção a fazer nos documentos e materiais que fazem parte do fundo Milton Santos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). O acervo é formado principalmente pela biblioteca pessoal de Milton Santos, arquivo de documentos e materiais tridimensionais. O volume do arquivo de documentos, excluindo a biblioteca, é estimado pelo IEB em 60 mil documentos, sendo o maior arquivo depositado no instituto. Além do volume notável é um arquivo bastante complexo também por sua diversidade. O conjunto dos arquivos compreende materiais de pesquisa desde a sua juventude até o final de sua trajetória. Sua incorporação ao fundo do IEB foi feita em três retiradas: na primeira ainda em 2010, foi transferida de seu apartamento em São Paulo sua biblioteca pessoal, na qual constavam todas as publicações de autoria de Santos como livros, artigos, revistas, entrevistas e publicações em jornais; na segunda retirada, em 2012, transferiram-se os objetos tridimensionais de seu apartamento e também documentos que se encontravam em suas salas de trabalho na Universidade de São Paulo; na terceira retirada, em 2014, transferiram-se da cidade de Salvador, sua biblioteca de juventude e um conjunto documental menor. Destas retiradas infere-se que o período de Milton Santos no exílio é justamente aquele para o qual há o menor número de registros em seu arquivo pessoal, se comparado aos demais. Possivelmente por conta do "périplo" enfrentado pelo geógrafo buscando estabelecer uma rede de cooperação envolvendo a grande diversidade de países onde residiu, trabalhos temporários e, muitas vezes, mudanças não planejadas (PEDROSA, 2018, p. 434). Contudo, há também expressivos registros de cartas, manuscritos, notas de leitura, recortes de jornal e notas de pesquisas de campo (Cf. GRIMM, 2011a, 2011b; PEDROSA, 2018) daquele período que têm grande valor para a nossa pesquisa.

Como os documentos foram doados inteiramente à mesma instituição, mantendo a organização, a coerência e a sistematicidade do autor, preservam importante integralidade de um acervo que é complexo pelo seu volume e pelo seu conteúdo. Sistematizado por grandes temas de pesquisa, categorias, conceitos internos e externos à geografia, teoria e método, os materiais refletem um arquivo de trabalho, coerente com as ideias do autor onde não há grandes temas privados. Mostra fundamentalmente as etapas das pesquisas, trazendo à tona o trabalho minucioso envolvido na apresentação de suas ideias e dialogando diretamente com a sua obra, com seu projeto intelectual.

Tal riqueza e complexidade, ao mesmo tempo que reafirma a importância da análise deste fundo para os objetivos de nossa pesquisa, nos coloca as tarefas presentes no trabalho referente ao próprio processamento do fundo. Do total do arquivo informa-se que há 3 mil documentos disponíveis para pesquisa pública no Catálogo no IEB. A desafiadora envergadura do trabalho de processar o arquivo não tem impedido, contudo, a realização de importantes pesquisas sobre o material. Dentro das condições que a pesquisa impõe, a análise do *corpus documental* das fontes referentes ao período do exílio poderá permitir enxergar a gênese e as continuidades e descontinuidades que levariam à ideia de *centralidade da periferia* como fundamento do pensamento político de Milton Santos sobre a globalização. Entendemos que tal movimento nos permitirá observar o que existe em comum apesar da aparente descontinuidade, levando-se em conta que os estudos preliminares apontam que tal ideia não tenha sido apresentada de maneira explícita antes de 2021 quando foi assumida de maneira conclusiva. Bastante autocrítico, o autor nota em diversos momentos de sua trajetória movimentos de mudança e mesmo rupturas. No processo de separar-se do empirismo, num primeiro momento, do "terceiro-mundismo de outro jeito" aplicando as mesmas regras dos países centrais aos periféricos, em outro, ou da atividade acadêmica apartada da cidadania ou do discurso político (Cf. SANTOS et. al. 2001, p. 111, 112), uma série de descontinuidades poderão ser identificadas explicitamente e contribuir para uma reconstrução acurada da trajetória de seu pensamento político, afinal "a realidade aparece a cada dia sob um novo aspecto. Ora, desde que a realidade muda, a ideia, o 'teórico', devem mudar. O teórico deve seguir a evolução para não se ver diante de um impasse" (SANTOS, 1978, p. 23).

### **3. Uma "nova geografia" em Milton Santos: o urbano nas formações socioespaciais do Terceiro Mundo**

A intensa movimentação geográfica que experimentou em seu exílio<sup>6</sup> foi também acompanhada de uma profunda produção teórica na qual já ficaram nítidos dois objetivos perseguidos por Milton Santos em sua obra: a) busca de uma teoria geral que renovasse a geografia partindo da compreensão das especificidades do subdesenvolvimento; b) inserção com centralidade do conceito de espaço no pensamento político e social, especialmente o brasileiro. O fio condutor pelo qual essas duas perspectivas se amalgamaram foram os estudos sobre urbanização. Acompanhava, assim, o que vinha se discutindo especialmente a partir das elaborações de Henri Lefebvre no final da década de 1960, isto é, que a constituição da sociedade urbana traria elementos explicativos mais complexos do que aqueles apoiados na ideia da urbanização como decorrência do processo de industrialização como parecia ser a regra nos países centrais. Para Santos, tais elementos revelariam-se com muita evidência a partir da análise do urbano nos países subdesenvolvidos.

#### *3.1 Estudos sobre a urbanização no Terceiro Mundo*

No início desta trajetória fora do Brasil o geógrafo baiano teve a oportunidade de estreitar laços e aprofundar estudos que já vinha desenvolvendo com seus interlocutores franceses, a começar pelo seu orientador de doutorado, Jean Tricart, a quem Milton Santos reputa seu contato com o marxismo. Além dele, a experiência francesa também o colocou em contato com Bernard Kayser, Etienne Juillard, Yves Lacoste, Michel Rochefort, Pierre George, Pierre Mombeig, Jacqueline

Beaujeu-Garnier, muitos dos quais também seriam expoentes da geografia crítica. No IEDES, dirigido por François Perroux, firmou-se como referência nos estudos do Terceiro Mundo, dando aula para alunos franceses e também do mundo subdesenvolvido, o que o permitiu ter interlocução com pesquisadores da África, da Ásia e da América Latina. Nesse período afirma-se como um "terceiro-mundista" (SANTOS et al. 2001, p. 94).

Vivendo na França da década de 1960 e 1970, o geógrafo brasileiro pôde experimentar um afastamento sistemático da influência do empirismo presente na chamada Geografia Regional francesa que marcara suas publicações anteriores. Tal distanciamento se deu sobretudo a partir de seus estudos sobre a técnica e o tempo implicados nas *modernizações* e do aprofundamento de seu contato com a economia política e o marxismo, mas também com o existencialismo e o estruturalismo. Escrito em Paris em 1968 mas publicado apenas em 1971 na França, *Le métier du géographe en pays sous-développés* lança mão da crítica à geografia tradicional francesa ao passo que estabelece as bases teóricas para a apreensão do espaço como conceito central em sua obra. O geógrafo brasileiro dedicava-se a pensar esta reformulação da disciplina buscando categorias analíticas que superassem a prática usual de transposições de teorias e conceitos voltados a explicar os processos nos países centrais, em especial aquelas que mobilizam o histórico das formações sociais de industrialização avançada para explicar os distintos processos de urbanização nos países periféricos. *Le métier du géographe en pays sous-développés* funciona como importante desdobramento das pesquisas que haviam sido publicadas em *A cidade nos países subdesenvolvidos*, em 1965, onde o autor analisou com minúcia fatores de diferenciação de grandes cidades de países periféricos.

Em um contexto marcado pelos debates sobre desenvolvimento, imperialismo, dependência e marginalidade, Milton Santos foi parte de um intenso diálogo com postulados de diversos interlocutores nas ciências sociais. A partir da rejeição da visão bastante em voga à época de que a modernização industrial seria o destino inexorável de todas as formações sociais - ainda que houvesse desigualdade no desenvolvimento delas -, isto é, a partir da rejeição da lógica dualista em que o subdesenvolvimento seria uma etapa para o desenvolvimento justificada pela existência de um padrão intermediário de países "em desenvolvimento", Santos acompanhava uma parte importante da intelectualidade brasileira crítica à "razão dualista" (Cf. OLIVEIRA, 2003 [1975]). Para ele, as oposições nas quais acreditavam os dualistas entre desenvolvido/não desenvolvido, eficiência/ineficiência, racionalidade/irracionalidade, modernidade/arcaísmo, teriam um caráter etnocêntrico óbvio.

quando se referem a países subdesenvolvidos, os dualistas creem numa oposição entre o setor desenvolvido e o não desenvolvido, um contraste entre um todo coerente de ações eficientes e racionais e um conjunto inarticulado de ações arcaicas, irracionais e ineficientes. (...) O caráter ideológico e etnocêntrico da distinção é óbvio. A noção de racionalidade que se procura aplicar como gabarito às sociedades pré-industriais é um caso típico de arrogância cultural na opinião de Wilkinson (1973, p. 198) (...) Realmente, conforme realçou Godelier (1967, p. 298), não existe apenas *uma* racionalidade econômica, mas *diversas* (SANTOS, 2013 [1978], p. 65-66).

O geógrafo coincide, portanto, com autores vinculados à *Teoria da Dependência* como Cardoso e Faletto quando estes afirmavam que o modelo dualista estrutural representava a elaboração de tipologias, modelos ideais para as formações sociais, implicando que "as pautas dos sistemas político, social e econômico dos países da Europa ocidental e dos Estados Unidos antecipam o futuro das sociedades subdesenvolvidas" (CARDOSO; FALETTO, 1970, p. 19). Por seu turno, tal qual Cardoso e Faletto, ao tratar das formações sociais, mas com o viés nos processos de urbanização e da dinâmica da economia urbana, Santos caminharia para uma posição contrária àquela defendida por Cardoso que deslocaria a análise dos processos de dependência do campo das teorias marxistas do modo de produção capitalista para uma teoria da dependência empirista, circunscrita à análise das realidades nacionais concretas (BIANCHI, 2010, p. 191). Desse ponto de vista, tinha também acordo com Ruy Mauro Marini, com quem teve a oportunidade de dialogar em uma conferência em Toronto, em 1972. Ao ser escolhido como comentador da palestra de



Marini intitulada *Subimperialismo Brasileiro na América Latina*, Santos concorda com aspectos importantes da elaboração que ficou conhecida como "dialética da dependência" em particular no que se referia ao papel do Estado, mas também quanto a como a superexploração do trabalho viabilizaria as modernizações da economia por meio da industrialização voltada à exportação (MACHADO, 2017, p. 190). Em sua resposta, *Sub-imperialism as Viewed by a Geographer*, Santos enfrenta a visão dualista entre "países industrializados" versus "países subdesenvolvidos" desdobrando a ideia de países "subdesenvolvidos industrializados", que seriam aqueles marcados por uma industrialização dependente cuja apreensão do nível de dependência demandaria uma análise da complexidade e da importância de suas metrópoles, isto é, do elemento espacial urbano (Idem, p. 189).

Ao buscar as especificidades da realidade das diversas formações sociais subdesenvolvidas, o geógrafo enxerga, a partir das desigualdades presentes na economia urbana, as contradições que poderiam levar à escala mundial a experiência extrema que teria sido vivida até então como elementos distintivos da periferia (SIMONI-SANTOS, 2017, p. 630). De acordo com Simoni-Santos, referenciado em Paulo Arantes, diferentemente das abordagens como as que foram expressas por Francisco de Oliveira e José de Souza Martins, onde a dialética entre arcaico e moderno, entre legal e ilegal, entre marginalidade e cidadania recorreram frequentemente às contradições do campo, tais desigualdades seriam "notadamente urbanas" e estariam "concentradas nos bairros deserdados das grandes cidades" (Idem).

De minha parte, acredito que, da mesma maneira que tem sido refutada a existência de um dualismo nos países subdesenvolvidos, deve-se refutar o conceito de dualismo urbano na descrição, análise e interpretação do que ocorre na economia das cidades de países subdesenvolvidos (MCGEE, 1971). Porque assim como, no conjunto de um país, a oposição, mesmo o antagonismo, de situações de desenvolvimento é o produto de uma só e mesma articulação causal, a existência de dois sistemas de fluxo na economia das cidades é o resultado do mesmo grupo de fatores, que, para simplificar, denominaremos modernização tecnológica. (SANTOS, 1977a, p. 35, 36)

Fruto do acúmulo das investigações sistemáticas que ganharam corpo no período em que estive na França - como em *Dix essais sur les villes des pays sous-développés* (1970) e *Les villes du Tiers Monde* (1971) - a elaboração da tese da *teoria dos circuitos da economia urbana*, apresentada em *L'espace partagé*, publicado pela primeira vez em 1975, é um marco nas elaborações teóricas de Santos e uma resposta alternativa aos debates em voga sobre a dependência e o subdesenvolvimento. Segundo o próprio autor, aquela tese aparece como "um verdadeiro e novo paradigma da Geografia Urbana e do planejamento em países subdesenvolvidos" (SANTOS, 1977a, p. 38). A *teoria dos circuitos* baseia-se na ideia de que a economia urbana é formada por um circuito superior (que inclui uma vertente marginal) e um circuito inferior, que não podem ser vistos dissociadamente, mas que se distinguem fundamentalmente pelo uso da tecnologia e pela organização. Enquanto o circuito superior é marcado por uma "tecnologia capital intensivo" onde estariam "bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores" -, o circuito inferior apresenta uma tecnologia de "trabalho intensivo", sendo constituído "por formas de fabricação não-'capital intensivo', pelos serviços não-modernos fornecidos 'a varejo' e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão" (SANTOS, 1977a, p. 38 e 39).

Em debate com os dualismos e mesmo com as teorias da dependência, a *teoria dos circuitos urbanos* procurava demonstrar também, de acordo com Leite e Trindade Júnior (2020, p. 50), que "as formas de trabalho usualmente classificadas como "marginais" são integrantes de um circuito econômico que não está apartado dos processos mais gerais de acumulação capitalista". Concordando com Marini, sugere que as modernizações decorrentes da industrialização para exportação - circuito superior - só se viabilizam porque a força de trabalho superexplorada recorre ao circuito inferior da economia urbana para a reprodução social, demonstrando que ambos os circuitos combinavam-se como desdobramentos das modernizações no mundo subdesenvolvido. Assim, rompendo com os dualismos e com uma visão economicista,

Santos busca na sistematização teórica das especificidades das economias urbanas periféricas, uma resposta dialética e original ao período de transformação que se expressava a olhos vistos nos países centrais sobretudo diante da crise do fordismo e, conseqüentemente, de suas explicações.

No eixo dos estudos de Santos sobre a especificidade da urbanização periférica, estaria também a gênese da *centralidade da periferia* como *projeto político futuro*. Surgida da análise dos países de Terceiro Mundo, a teoria dos circuitos da economia urbana passaria, mais tarde, a instigar uma diversidade de estudos que incluíam tanto processos históricos da urbanização nos países centrais quanto os que buscariam compreender, a partir dos processos periféricos, os caminhos de superação da urbanização excludente. Como assevera María Laura Silveira (2013, p. 69):

Mas essa desigualdade estrutural da cidade que, aliás, é o que permite continuar asseverando a existência de dois circuitos da economia urbana é também funcional porque, no presente, as divisões territoriais do trabalho são obrigadas a compartilhar o mesmo pedaço do território. A cidade é o reino da praxis compartilhada ou, em outras palavras, a manifestação mais visível do acontecer solidário, isto é, a realização compulsória de tarefas comuns mesmo que o projeto não seja comum (SANTOS, 1996). Poderíamos dizer que o espaço urbano é dividido mas, ao mesmo tempo, compartilhado. Nesse contexto contraditório de pobreza estrutural e novas possibilidades técnicas e políticas, poderíamos vislumbrar algumas formas de resistência espontâneas que, somadas às formas organizadas, podem apontar caminhos para o futuro.

### 3.2 Periferias e a categoria Formação Socioespacial

As experiências prévias ao regresso ao Brasil, sobretudo as pesquisas em países periféricos nos quais poderia operacionalizar a teoria dos circuitos<sup>7</sup>, levariam Milton Santos a elaborar a respeito tanto das questões empíricas das formações sociais periféricas quanto da própria categoria formação social. Em fevereiro de 1977, ano de seu retorno, publica na revista *Antipode* o artigo *Society and Space: social formation as theory and method*<sup>8</sup>. Contrapondo Cardoso e Faletto que imaginavam ser possível aplicar o conceito de dependência às particularidades das formações sociais sem que essa explicação estivesse alicerçada nas categorias que constituem a teoria do modo de produção capitalista (BIANCHI, 2010, p. 191), Milton Santos encontrou no estudo sistemático da categoria formação social uma maneira de conectar os resultados das profundas pesquisas que desenvolveu na periferia a uma teoria mais geral<sup>9</sup>.

Partindo da retomada feita por Lênin - a quem Santos, apoiando-se em Bagaturia, confere a elevação da categoria Formação Econômico-Social (FES) a um lugar central no materialismo histórico (SANTOS, 1977b, p. 83) -, mas também apoiado em Emilio Sereni (1976), Florestan Fernandes (1975) e Amílcar Cabral (Cf. SANTOS, et al., 2001, p. 100), o geógrafo apresenta naquele artigo seminal uma aguda revisão desta categoria em debate com a teoria marxista, sublinhando seu papel como unidade e totalidade da vida em sociedade cuja análise permitiria perceber que o modo de produção seria apenas uma *possibilidade de realização* quando a FES seria a *possibilidade realizada*, a expressão objetiva da totalidade do modo de produção, isto é, definição sintética da natureza da diversidade e das especificidades das relações produtivas, econômicas e sociais de uma sociedade numa época determinada, indissociável do concreto.

Dado que, para Santos, "produzir é produzir espaço" (SANTOS, 2002 [1978], p. 202), por se tratar da referência a diferentes formas técnicas e organizacionais do processo produtivo, a FES não pode ser concebida sem referência à noção de espaço e é justamente aí onde reside o elemento original e crítico do aporte do geógrafo ao pensamento teórico marxista sobre a FES. Partindo de um amplo arsenal de pesquisas empíricas que o impeliram a contestar a aplicação mecânica de determinantes teóricas baseadas na generalização do padrão de modernizações industriais, no dualismo, no economicismo, mesmo nas teorias críticas, às formações periféricas, o geógrafo também pôde perceber a indissociabilidade entre modo de produção, formação econômico-social e espaço, de modo que a não reunião até então, na categoria de formação social, das noções referentes às sociedades e espaço só poderia ser explicada por um "atraso teórico". E conclui: "De fato, é de *formações sócio-espaciais* que se trata" (SANTOS, 1977b, p. 93, grifo nosso).

Observando os movimentos de expansão do capital em fins da década de 1970, Milton Santos via a força dos objetos geográficos nos acelerados processos de transformações que se davam na sociedade capitalista. Retomando Hegel, para quem os objetos eram dotados de “conteúdo e finalidade” e que, portanto, carregam uma “forma de intencionalidade”, Santos concluía: “as coisas adquiriram um tipo de poder que nunca haviam possuído anteriormente” (SANTOS, 1979, p. 154).

Para ele, as formas apresentavam-se como poderosas ferramentas do capital para penetração nos países subdesenvolvidos em um momento onde, no Sistema Internacional de Estados, vivia-se resistências, polarizações e conflitos políticos de alta intensidade. Ação eficaz na promoção dos interesses capitalistas, a propagação dos “conteúdos” e “finalidades” capitalistas por meio das formas apoiava-se tanto no fato de que seus resultados não seriam imediatamente visíveis quanto na não necessidade de se tocar a priori na estrutura socioeconômica dos países receptores. As formas seriam, portanto, o “Novo Cavalo de Tróia” capitalista (SANTOS, 1979, p. 154).

(...) a necessidade de expansão capitalista, comparável em agressividade à expansão do terceiro quartel do século XIX, quando o imperialismo apareceu como solução para as crises econômicas. Agora o volume de capital à procura de investimento é muito maior e o que está em jogo é mais importante econômica e politicamente (...) As formas se tornaram instrumentos ideais para promover a introdução do capital tecnológico estrangeiro numa economia subdesenvolvida e para ajudar o processo de superacumulação, cuja contrapartida é a superexploração. Aqueles países em que isto ocorre têm sua economia distorcida, suas tradições.

Apoiado em Gramsci para quem “é mais fácil falar acerca do conteúdo do que falar sobre as formas porque o conteúdo pode ser tratado logicamente” (*apud* SANTOS, 1979 [1977], p. 162), Milton Santos critica mais uma vez o empirismo na geografia onde se interpretaria a “coisa através da própria coisa”, interessando-se mais nas *formas* do que na *formação* (SANTOS, 1977b, p. 81). As formas espaciais, responsáveis diretas pela efetivação dos projetos políticos de uma sociedade, “atribuem ao conteúdo do novo provável, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real” (Idem, p. 89). Daí que a análise das *formações socioespaciais* permitiriam, também, desvendando o “mistério das formas”, enxergar de maneira dialética as modernizações, o desenvolvimento, a mundialização do modo de produção capitalista *nas periferias* não apenas como uma parte subordinada ou derivada de uma espécie de desenvolvimento inelutável, mas também como a própria totalidade do modo produção, de suas contradições fundamentais, parte do que é *central* para seu desenvolvimento e, portanto, dotado de novas combinações possíveis onde seria possível a afirmação da política, um *novo fator dinâmico da história*.

## Conclusões

Discutindo as questões referentes à unidade entre política, história e filosofia, Alvaro Bianchi infere:

Todo pensamento político e historiográfico deve ser concebido como um movimento na luta política dos partidos<sup>10</sup>. Se o pensamento político é um movimento na luta política, a história do pensamento político não pode deixar de ser, ela própria, política. É política porque tem a política passada como objeto e porque é, também, um movimento político no presente. Esse movimento guarda sua especificidade, na medida em que seu autor o faz por meio de um discurso historiográfico ou filosófico, ou seja, ele traduz a política nesses discursos e intervém nela por meio deles. (2014, p. 10)

Partindo deste referencial é possível supor que há também no discurso científico profundo e amplo que leva Milton Santos a rever conceitos e discutir a própria geografia enquanto ciência, dentro da periodização que propusemos, uma *tradução política* e um desejo de intervenção, ainda que muitas vezes não declarada, sobre o contexto social e político da época, partindo inclusive da sua condição de intelectual periférico, exilado, em busca da compreensão de um mundo em mudanças.

Se é indiscutível a impossibilidade de um intelectual como Santos viver indiferente ao seu contexto, onde chega inclusive a conviver na França com as manifestações de 1968, decifrar os caminhos

pelos quais o geógrafo percorre na elaboração de seu pensamento político é o grande desafio. Neste sentido, entendemos como úteis a esse esforço os achados que vamos desvelando ao nos aprofundarmos na obra daquele período. Se *O Trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo* (1978) funciona como uma espécie de manifesto dentro da inquietude que o autor traz ao debate sobre o pensamento geográfico a respeito da análise do desenvolvimento do mundo periférico, é a partir do mergulho nos estudos urbanos que aparece em *O Espaço Dividido* que Milton Santos desenvolve as bases de sua compreensão sobre os mecanismos pelos quais o modo de produção capitalista se reproduz nos países subdesenvolvidos, sua especificidade e sua centralidade para a compreensão das modernizações e, dentro delas, das relações de dependência e subalternidade em um mundo que já começa a se esboçar "global". Por sua vez, a elaboração, em profundo diálogo com a teoria marxista, da categoria *Formação socioespacial* assenta em definitivo a base teórica que permite, naquele momento historicizar, com maior acuidade, o conjunto de trabalhos empíricos que foram frutos de sua pesquisa no exílio, entendendo que os países periféricos sobre os quais se debruçara eram também, ao contrário do que poderiam sugerir as importações teóricas eurocêntricas e mecanicistas, expressões da totalidade do capitalismo em seu processo de totalização. A periferia poderia assim, também ser colocada no centro, como um panóptico do tempo histórico que se apresentava.

Contudo, por mais assertivas que possam vir a se comprovar as aferições decorrente das hipóteses levantadas, Bianchi alerta que, ao contrário de "auscultar o monótono movimento da estrutura no qual se revelaria o problema filosófico geral e a verdade permanente de uma obra", o desafio está em "estudar o processo, muitas vezes lento e acidentado, da fabricação de ideias políticas na qual se revelam os conflitos intelectuais e políticos dos quais o autor está tomando parte" (2014, p.11). Ainda assim, mesmo que nas grandes obras do autor se investigue o processo, suas redes intelectuais de colaboração e interlocução, seus adversários e fontes, há outra lacuna fundamental para a qual se requer atenção.

Para reconstruir os processos de produção e circulação do pensamento político é preciso ir além do estudo das "grandes obras" de um autor. É muitas vezes nos escritos menores e de ocasião, nos artigos publicados na imprensa, nas entrevistas, nas anotações autobiográficas e na correspondência que se encontra a solução para as aporias presentes nos tratados e obras sistemáticas. É preciso reconstruir as discussões geradas por essa obra, sua recepção, as críticas que recebeu e o modo como estas retroagiram no pensamento do autor colocando seu pensamento em movimento. Conectados de modo mais orgânico à biografia filosófica e política de um autor esses escritos permitem reconstruir seu ritmo de pensamento e a eficácia de sua intervenção, iluminando, desse modo, as opções teóricas e políticas realizadas pelo autor. (BIANCHI, 2014, p. 12).

Cientes dessa lacuna é que entendemos também como bastante importante, no atual estágio da nossa pesquisa, o esforço para acessar o fundo Milton Santos reunido no Instituto de Estudos Brasileiros e, contribuir com a sua organização. Compreendemos que nossa pesquisa é parte do mesmo empenho de sistematizar o processo de um pensamento tão profundo e com uma produção tão robusta quanto o é o dos trabalhadores do IEB para processar as dezenas de milhares de documentos que foram guardados de maneira tão sistemática pelo geógrafo em vida.

## Referências

- BIANCHI, Alvaro. O marxismo fora do lugar. **Política & Sociedade**, v. 9, p. 177-204, 2010.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Análise integrada do desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, p. 16-38. 1970.
- FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GRIMM, Flávia. Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.52, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Trajatória epistemológica de Milton Santos**: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011b.

LEITE, Gabriel. Dualismo e bipolarização em países periféricos: aspectos centrais das teorias de Julius Boeke, Jacques Lambert e Milton Santos. **Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE**, Salvador, ano XXIII, v. 1, n. 48, p. 164-180, abr. 2021

LEITE, Gabriel, TRINDADE JÚNIOR, Saint-Claire. Geografias do Sul: descentramento, transescalaridade e espacializações no pensamento miltoniano. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 76, p. 39-65, set./dez. 2020.

MACHADO, Thiago. Geografia e dependência: o diálogo entre Milton Santos e Ruy Mauro Marini a partir da teoria do subimperialismo. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 185-190, 2017.

MELGAÇO, Lucas; PROUSE, Carolyn. **Milton Santos: a pioneer in Critical Geography from the Global South**. Switzerland: Springer, 2017.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003 [1975].

PEDROSA, Breno. O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, p. 429-448, abr.-jun. 2018.

SANTOS, Milton. **A cidade nos países subdesenvolvidos**, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 53, p. 35-59, fev. 1977a.

\_\_\_\_\_. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977b.

\_\_\_\_\_. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. A totalidade do diabo. Como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: Santos, M. **Economia espacial**. Críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, p. 153-167, 1979 [1977].

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002 [1978].

\_\_\_\_\_. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013 [1978].

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: Hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: SANTOS, M. Entrevistado por Jesus de Paula Assis; colab. de Maria Encarnação Sposito. **Milton Santos: testamento intelectual**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. p. 11-62.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. et al. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SERENI, Emílio. La categoria de "Formacion Economico-Social". In: LUPORINI, C.; SERENI, E. **El concepto de "formación económico-social"**. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1976.

SILVEIRA, María. Laura. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana; Associação dos Geógrafos Brasileiros; **Ciência Geográfica**; XVII; 1; 1-2013; 63-70

SIMONI-SANTOS, César. Da marginalidade à segregação: contribuições de uma teoria urbana crítica. **Economía, sociedad y territorio**, Zinacantepec, v. 17, n. 55, p. 619-646, 2017.

<sup>1</sup> Cf. GRIMM, 2011a.

<sup>2</sup> Grifos nossos.

<sup>3</sup> Sobre *Por uma outra globalização*, Santos alerta, logo no prefácio: "Diferentemente de outros livros nossos, o leitor não encontrará aqui listagens copiosas de citações. Tais livros enfocavam questões da sociedade, verdadeiras teses, isto é, demonstrações sustentadas e ambiciosas, dirigidas sobretudo à seara acadêmica, levando, por isso, o autor a fazer, ao pequeno mundo dos colegas, a concessão das bibliografias copiosas. Todo mundo sabe que esta se tornou quase uma obrigação de *scholarship*, já que a academia gosta muito de citações, quantas vezes ociosas e até mesmo ridículas. Sem dúvida, este livro também se dirige a estudiosos, mas sobretudo deseja alcançar o vasto mundo, o que dispensa a obrigação cerimonial das referências. Não quer isso dizer que o autor imagine haver sozinho redescoberto a roda; sua experiência em diferentes momentos do século e em diversos países e continentes é também a experiência dos outros a quem leu ou escutou. Mas a originalidade é a interpretação ou a ênfase própria, a forma individual de combinar o que existe e o que é vislumbrado: a própria definição do que constitui uma idéia." (2000, p.11)

<sup>4</sup> Destaque-se a mesa redonda "*Centralidade da periferia e formação socioespacial: nação ativa e nação passiva*" constante do Seminário "*Um período, uma crise: globalização e instabilidade dos territórios. Por uma leitura crítica da conjuntura a partir da obra de Milton Santos*", aos 20 anos da morte do geógrafo, realizado remotamente de 22 a 24 de junho de 2021 e organizado principalmente pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Também merece destaque o capítulo de livro *Milton Santos and the Centrality of the Periphery* de Lucas Melgaço e Carolyn Prouse, presente em *Milton Santos: a pioneer in Critical Geography from the Global South*, organizado pelos mesmos autore e lançado pela editora Springer em 2017.

<sup>5</sup> SANTOS et. al. (2001) p. 118-127.

<sup>6</sup> Neste período esteve na França, lecionando primeiramente na Universidade de Toulouse (1964 a 1967), posteriormente na Universidade de Bordeaux (1967 e 1968) e finalmente em Paris, tanto na Sorbonne quanto no Institut d'Études du Développement Économique et Social (IEDES, de 1968 a 1971). Depois foi aos Estados Unidos, onde foi professor no Massachusetts Institute of Technology (de 1971 e 1972). Lecionou na University of Toronto, no Canadá, entre 1972 e 1973, na Universidad Nacional de Ingeniería de Lima, no Peru, em 1973, na Facultad de Ciencias Económicas y Sociales e no Centro de Estudios del Desarrollo da Universidad Central de Venezuela, em 1974 e na University of Dar es Salaam, de 1974 a 1976. Regressou aos Estados Unidos para trabalhar na Columbia University, de 1976 a 1977, ano em que voltou ao Brasil.

<sup>7</sup> Entre vários trabalhos, é possível citar: *Los dos circuitos de la economía urbana de los países desarrollados* (1972), *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados* (1973), *Economic development and urbanization in*

---

*underdeveloped countries: the two-flow systems of the urban economy and their spatial implications* (1973), *La urbanización dependiente en Venezuela* (1973), *Articulations of modes of productions and the two circuits of urban economy wholesalers in Lima, Peru* (1976), *Ensayo del explicación del crecimiento de Guadalajara* (1974), *The periphery in the pole, the case of Lima, Peru* (1975), *Os dois circuitos da economia em Dar-El-Salaam e na Tanzânia: realidades e perspectivas* (material inédito do fundo Milton Santos. Cf. Grimm, 2011b, p. 120).

<sup>8</sup> No mesmo ano foram publicadas versões traduzidas *Cahiers Internationaux de Sociologie* e, posteriormente, no *Boletim Paulista de Geografia*, em junho.

<sup>9</sup> "Na Tanzânia, eu via o capitalismo entrando lentamente. Foi muito importante, para a elaboração teórica do território, descobrir que um país, com sua história e sua organização geográfica, pode ser ou não um obstáculo, refazendo a história da entrada do capitalismo e distinguindo as formações sociais desse ponto de vista. Talvez daí tenha vindo essa ideia, que desenvolvi depois, da formação socioespacial - sem o espaço não dá para entender a produção do capitalismo" (SANTOS et al. 2001, p. 109).

<sup>10</sup> A autor deixa explícita a sua referência à "luta entre partidos": "O termo partidos não está sendo utilizado aqui em sua acepção jurídico-institucional. Consideram-se partidos, seguindo uma ideia apresentada por Antonio Gramsci, todos os grupos políticos que participam do conflito, o que inclui além das organizações partidárias institucionalizadas, os jornais e revistas, as correntes de opinião, as associações civis etc." (BIANCHI, 2014, p.10)